

SISTEMAS DE CRIAÇÃO PARA O ESCARGOT GIGANTE AFRICANO (*Achatina fulica*): UM ESTUDO COMPARATIVO

Valdecir Marvulle¹, Adolfo A. Silveira¹, Maria de Fátima Martins² e Pedro Pacheco²

1-Instituto de Ciências, Escola Federal de Engenharia de Itajubá–MG (marvulle@cpd.efei.br); 2-
Departamento de Nutrição e Produção Animal, FMVZ, USP - SP

O escargot gigante africano (*Achatina fulica*) é um molusco gastrópoda terrestre, e foi introduzido no Brasil há quase 50 anos, sendo encontrado principalmente na região litorânea da Mata Atlântica. Nos últimos anos, vem se estabelecendo uma demanda cada vez maior pelo consumo da sua carne, devido esta ser altamente rica em proteínas, com baixos níveis de colesterol e com paladar muito próximo ao dos tradicionais escargots europeus (*Helix aspersa*). Devido a isto, começaram a aparecer vários sistemas de criação, sendo os mais comuns aqueles que criam o *A. fulica* em caixas de madeira. Entretanto, encontramos nas criações diferentes pisos para estas caixas, sendo mais comuns os pisos em tela plástica (com fios entrelaçados a uma distância de aproximadamente 1 mm), pisos em madeira e pisos de madeira cobertos por terra (uma mistura de 50% de terra vermelha e 50% de argila), sendo o primeiro tipo de piso o mais difundido pelos criadores segundo pesquisa junto a Associação Paulista de Criadores de Escargot (Apace). Entretanto, nenhum estudo científico comparando estes 3 sistemas de criação foi ainda publicado, e não existem valores para parâmetros comparativos que mostram qual aquele que apresenta melhor produtividade. Este estudo teve como objetivo avaliar os sistemas de produção para obter dados que permitam sugerir qual aquele que apresenta melhor produtividade. Estudamos 100 indivíduos da espécie *A. fulica* no período de 04/01/2000 (quando foram coletados os ovos de onde vieram as amostras) a 11/07/2000 (quando as amostras foram abatidas), sendo escolhidos aleatoriamente da mesma ninhada e divididos também de maneira aleatória em 3 caixas que simulavam os 3 sistemas de criação descritos acima. As rações balanceadas eram oferecidas de 2 em 2 dias, sendo pesadas as sobras. O monitoramento de temperatura e umidade relativa do ar também eram feitas diariamente. Obtivemos para os sistemas de piso de tela, de madeira e de terra, respectivamente, os seguintes pesos médios ao abate (em g): 5,38, 8,05 e 13,02 sendo significativamente diferentes (teste ANOVA com $p < 0,001$). A taxa de mortalidade foi maior para o piso de tela (23,5%), seguido pelo de madeira (21,2%), sendo que não houve óbitos para o sistema de piso de terra. Foi possível concluir que a conversão alimentar (g de ração consumida/g de peso ganho) foi de 2,13, 2,73 e 1,81 respectivamente para os sistemas de piso de tela, madeira e terra. Estudou-se também a relação entre o consumo de ração (e consequente ganho de peso) e a temperatura e umidade relativa do ar, mostrando que o sistema de piso de tela está mais fortemente sujeito as variações do ambiente externo, sendo o de terra o menos influenciado. Todos os parâmetros estudados no abate também favorecem o sistema de piso de terra. Estes e outros resultados nos permitem concluir que o sistema de criação do escargot gigante africano com piso de terra oferece parâmetros de produtividade melhores que os dos outros dois sistemas estudados.